

QUINHOAR ENSINO DE HISTÓRIA NA HISTÓRIA PÚBLICA: AUDIOVISUALIDADES DO MUNDO

Aristóteles Berino

PPGEduc/UFRRJ

berino@ufrj.br

Raquel Elison

PPGEduc/UFRRJ

duquel101015@gmail.com

RESUMO: A partir dos conceitos de história pública digital e audiovisualidades do mundo, o pretendido no artigo é elaborar uma discussão a respeito do ensino de história através do desenvolvimento de um canal no YouTube, o Quinhoar Ensino de História. Trata-se de uma iniciativa no âmbito da cibercultura, agora que o conhecimento escolar deve ser melhor entendido como uma tessitura em redes de conhecimentos, conectado ao ambiente virtual, inclusive. Destacamos o diálogo com jovens alunos que interagiram com o canal durante a sua criação no percurso metodológico da nossa elaboração analítica, enfatizando a coparticipação como aspecto criador necessário às experiências educativas que se estabelecem entre os cotidianos escolares e os ambientes virtuais.

Palavras chaves: Ensino de História; História pública digital; Audiovisualidades do mundo.

QUINHOAR HISTORY TEACHING IN PUBLIC HISTORY: WORLD AUDIOVISUALITIES

ABSTRACT: Based on the concepts of digital public history and world audiovisualities, the aim of the article is to elaborate a discussion about history teaching through the development of a YouTube channel: Quinhoar History Teaching. It is an initiative in the scope of cyberculture, now that school knowledge should be better understood as a weaving in knowledge networks, including connected to the virtual environment. We highlight the dialogue with young students who interacted with the channel during its creation in the methodological path of our analytical elaboration, emphasizing co-participation as a necessary creative aspect to the educational experiences that are established among schools routines and virtual environments.

Keywords: History Teaching; Digital public History; World audiovisualities..

Uma nova linguagem que não a escrita poderia
ajudar enormemente, do ponto
de vista técnico, ao que eu chamo de "leitura do
mundo" e, portanto,
"leitura de realidade", não necessariamente
através da palavra escrita.
Paulo Freire (2011, p. 69)

INTRODUÇÃO

Ao longo deste artigo iremos abordar algumas questões referentes à criação do canal Quinhoar Ensino de História, no YouTube. Este canal foi concebido como produto final do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, um programa de pós-graduação *stricto sensu* integrado por uma rede nacional de doze universidades, entre elas a UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, instituição em que o trabalho foi apresentado.¹ Vamos nos deter nos comentários feitos no vídeo teste do canal. O vídeo teste se chama Politeísmo e Monoteísmo² e foi feito para recolher as primeiras sugestões e críticas dos alunos. Uma concepção aqui presente será a de audiovisualidade do mundo, que pensamos a partir do conceito de leituras do mundo, desenvolvido por Paulo Freire. Os comentários no canal serão vistos também a partir das características de compartilhamento da história pública e, por último, teceremos algumas relações com a prática do ensino de história.

O canal Quinhoar foi pensado inicialmente para ser utilizado através de celulares, pois os mesmos já estão presentes também em muitos dos cotidianos das escolas ainda baseadas no quadro e na exposição de conteúdos. O objetivo inicial da pesquisa era utilizar os celulares e as demais tecnologias a favor de uma maior contemporaneidade do processo educacional. Ao longo do processo de produção do canal, prevaleceu a concepção de pensá-lo especificamente para os alunos do Ensino Médio³. É claro, que nada o impede de ser usado em sala de aula e para outros públicos.

Em tempos de mobilidade ubíqua (SANTOS, 2014), o celular é a tecnologia que melhor representa sua dinâmica. Achamos oportuno, então, conceber o seu uso para novas práticas na educação escolar. Partilhando de uma concepção de educação freireana, pensamos que poderíamos, a partir do conceito de leitura de mundo, admitir também uma audiovisualidade do mundo. Para Paulo Freire (2011, p. 19/20), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”. A leitura de mundo não decorre da alfabetização, ela a precede. Em um plano pedagógico de pós-alfabetização, poderíamos dizer que a leitura de mundo foi amplificada por uma nova competência, a leitura da palavra. Como sabemos, Paulo Freire tornou-se um educador mundialmente conhecido por seu trabalho com a alfabetização de adultos e a educação popular nos primeiros anos da década de 1960. No contexto de século XXI, como pensar

¹ Título original da dissertação da Raquel Elison: Ensino de História por meio do canal Quinhoar no YouTube. Orientadora: Rebeca Gontijo. O presente artigo contém elementos que resultam do trabalho de referida dissertação e também do doutorado em curso da Raquel Elison, orientada pelo professor Aristóteles Berino (PPGEduc/UFRRJ).

² Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=_UKRZk-iuc&t=46s>.

³ Durante o ano de 2017 Raquel trabalhou com turmas do sexto, sétimo e nono anos do Ensino Fundamental; Primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Em todas as suas turmas que lecionava, localizadas nos bairros de Pavuna, na cidade do Rio de Janeiro, e em Coelho da Rocha, na cidade de São João de Meriti, o canal foi divulgado com o pedido de participação na sua produção.

amplamente a leitura de mundo não apenas através do seu par originalmente concebido por Paulo Freire, leitura da palavra?

No livro **Educar com a mídia**, de Paulo Freire e Sergio Guimarães (2011), publicado originalmente em 1984 (com outro título: **Sobre Educação: Diálogos II**), encontramos uma abordagem para Paulo Freire mais contemporânea ao nosso século. Depois do exílio, já no Brasil, Paulo Freire e Sérgio Guimarães gravaram uma série de conversas que deram origem a várias publicações.

Educar com a mídia é uma delas. Como epígrafe deste artigo destacamos um pequeno extrato que já remete ao que gostaríamos de considerar aqui. A “leitura da realidade”, que é propriamente a leitura de mundo que Paulo Freire sempre se referia a propósito do chamado Método Paulo Freire, é feita também com outras linguagens e não apenas com a leitura escrita que é a “leitura da palavra”. Na sua conversa com Sérgio Guimarães, pensando a problemática dos novos meios na educação, Paulo Freire (ibidem, p. 73/74) propõe atividades pedagógicas através do que irá chamar de “gravação do mundo” e “fotografia do mundo”, com os usos do gravador e máquina fotográfica.

“O menino sai para escutar e fotografar o mundo dele, entendes?” (ibidem, p. 74). Algumas páginas antes, Paulo Sérgio indaga Paulo Freire se diante de uma nova cultura da comunicação não estaríamos precisando de uma alfabetização que não fosse mais centrada exclusivamente no domínio da palavra escrita, mas que assimilasse também a linguagem audiovisual (ibidem, p. 68). A conversa aconteceu no ano de 1983. Hoje, 37 anos após o encontro que deu origem ao livro **Educar com a mídia**, não podemos deixar escapar que, de acordo com os nossos cotidianos, o uso do conceito leitura do mundo pressupõe também uma audiovisualidade do mundo. O audiovisual como escuta do mundo, portanto, no início do século XXI. Para Paulo Freire, a leitura da realidade possui um sentido conscientizador e transformador. Leitura de mundo para saber-se no mundo, em uma realidade que ultrapassa a nossa experiência direta e nos relaciona a um contexto muito mais amplo de influências sobre a nossa existência. Uma audiovisualidade do mundo nos integra as redes de sons e imagens que hoje fazem parte da realidade virtual, local e globalizada. Para os professores de História constitui um desafio próprio trabalhar na cibercultura.

Quinhoar Ensino de História encontra-se dentro da chave de compreensão da história pública digital, pois seu formato e, inclusive, as fontes que o mesmo produz a partir dos comentários no canal, são totalmente digitais. Cabe-nos fazer algumas ponderações sobre qual história é essa que o canal Quinhoar pretende divulgar e produzir. Uma história digital ou uma história por meios digitais? Com o objetivo de contribuir com esse debate, citamos Serge Noiret (2015, p. 29), para quem:

A história digital requer reescrever e reinventar os métodos profissionais e dominar as novas práticas digitalizadas (CLAVERT; NOIRET, 2013). Às mudanças quanto às novas práticas profissionais dos historiadores são de tal ordem - falou-se até de um novo historicismo (FICKERS, 2012) - que devemos nos interrogar sobre qual o impacto da história digital sobre as formas tradicionais de narração do passado e sobre os tempos históricos (HARTOG, 2012; NORA, 2011). Podemos nos perguntar, à luz da difusão pública das tecnologias, se não é o caso de rever em profundidade até mesmo a relação que temos com o passado, a memória e a história no presente (JOUTARD, 2013).

Dentro dessa nova forma de produzir história, o canal Quinhoar apresenta uma narrativa digital onde som, imagem, texto e oralidade trabalham juntos para o desenvolvimento de um sentido histórico. Quinhoar tem uma história digital, pois utiliza os recursos tradicionais de pesquisa do campo da ciência história para uma narrativa comprometida com a "pretensa ideia de verdade histórica", entretanto, está vinculado aos interesses de um novo público, um público jovem, associado com as exigências de uma nova geração. E também é uma história por meios digitais, pois toda a sua produção e divulgação foram e continuarão sendo feitas com recursos digitais, incluindo fontes digitais e demandas anunciadas por esse mesmo público de forma digital, através dos comentários no canal. Tal característica não é uma novidade do Quinhoar, pois há historiadores⁴ ocupando o espaço digital em diversos locais do mundo.

Na Europa, como em outros lugares, há hoje em dia muitos historiadores que convivem com o digital, e que não são, digamos "historiadores digitais" ou "humanistas digitais". São a própria história (fontes e historiografia) e a memória do passado, que, de fato, tornaram-se digitais, prescindindo de como os historiadores, individualmente e/ou como grupo profissional organizado, relacionam-se atualmente com a "virada digital" (digital turn), as humanidades digitais e a "história (pública) digital" (NOIRET, 2015, p.33).

O Quinhoar foi criado como um exercício para ocupar um novo local de conhecimento que está crescendo e sendo utilizado nos dias atuais. Para ocupar tal local, é imprescindível aprender com as práticas da história pública.

Para garantir o devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essa coleta de documentos, "filtrar", mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais, uma geração de novos historiadores, que podemos chamar "historiadores públicos digitais" (digital public historians), tornam-se os profissionais intermediários necessários para enquadrar cientificamente o trabalho de coleta de documentos e gerir criticamente novos arquivos "inventados" - que não existiam, isto é, fisicamente-, trazidos para a rede graças às contribuições de todos (ibidem, p.37).

⁴ Tem como exemplo de historiadores ocupando o espaço digital e produzindo outras narrativas, entre outros, o canal no YouTube **Leitura ObrigatóriaHISTÓRIA**. Ver: <<https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>>

Em vista da necessidade de estar presente neste novo espaço de produção e circulação de conhecimento, o Quinhoar procura ocupar uma parte minúscula dentro do grande oceano de dados e metadados, mas com a perspectiva de dar exatamente o seu quinhão, a sua parte, dentro de um cenário digital onde estão presentes diversos interesses e muitos projetos de sociedade, os quais podem ser até conflitantes. Portanto, pretende-se criar narrativas freireana-mente inclusivas, democráticas, um contraponto, calcado na pesquisa histórica, às visões extremistas, excludentes e preconceituosas, que circulam nas redes sociais e, de maneira geral, na web, como por exemplo, o **Metapedia**,⁵, que é um sítio da extrema direita, com o intento de rever o conhecimento histórico e oferecê-lo ao grande público.

Uma vez que se trata de amplo campo de conhecimento, e por ainda estar em uma fase muito inicial de produção, precisando de tempo para que a circularidade de informações sobre o próprio canal ocorra. Porém, apresenta o potencial para promover debates e versões mais coerentes dos fatos históricos. Além de promover conhecimento e participações ativas e democráticas no pequeno espaço escolar, para o qual ele foi idealizado. Portanto, Quinhoar é um meio de promover a atuação intelectual de professores na internet e participar da cibercultura de modo crítico, ao utilizar um novo modelo de comunicação para desenvolver e aprofundar a relação entre professor e aluno. Tal modelo de comunicação apresenta uma linguagem mais acessível, mas nem por isso reducionista.

Todo o esforço em criar uma linguagem acessível vem de encontro com a tentativa de criar possibilidades de transformação social, pois o trabalho do professor não está sendo visto como uma simples reprodução de habilidades e informações técnicas. Os trabalhos dos docentes não partem de uma concepção neutra, mas estão associados a concepções teóricas, interesses políticos e ideológicos, como Paulo Freire (2005) sempre observou. Portanto, a visão do professor enquanto intelectual transformador é fundamental para o desenvolvimento do canal Quinhoar no YouTube e, também, para entender os seus objetivos finais, os quais estão associados com o interesse de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico.

Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder. Dentro desta perspectiva, a reflexão e ação críticas tornam-se parte do projeto social fundamental de ajudar os estudantes a desenvolverem uma fé profunda e duradoura na luta para superar injustiças econômicas, políticas e sociais, e humanizarem-se ainda mais como parte desta luta. (...) Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos (GIROUX, 1997, p. 163).

⁵ Ver: <https://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>

Como consequência dessas novas relações entre o político e o pedagógico, temos como horizonte de expectativas a construção de uma narrativa mais democrática, plural, comprometida com os ideais de inclusão social e com a crítica à estrutura capitalista hegemônica. Nesse sentido, a aproximação entre alunos e professores, gerada pela história pública digital permite, através dos comentários, escutar a voz dos estudantes, suas experiências, críticas e, assim, construirmos conhecimento juntos, dialogicamente.

Quinhoar está comprometido com a possibilidade de permitir a existência de diversas memórias e histórias, que podem ser apropriadas por diversas classes, gêneros e grupos étnicos. O currículo que norteará o Quinhoar será definido considerando a possibilidade de sempre ser repensado e renovado, atentando para o fato de que o verdadeiro poder de transformação ou de permanência está na habilidade de identificar a constituição do próprio conhecimento e a sua contribuição para a consolidação de uma determinada visão ou projeto. Nesse trabalho, especificamente, a produção de conhecimento ocorre através da história e esta será abordada em uma perspectiva de inclusão e transformação social ou de resistência à ordem capitalista hegemônica.

Os temas selecionados a partir das concepções acima de currículo serão ensinados a partir de um processo de didatização ou mediação cultural, de acordo com a historiadora Ana Maria Monteiro, que afirma:

Esse processo de didatização é processo de mediação cultural pelo qual sentidos são produzidos com base nos significados que os docentes atribuem aos saberes ensinados em suas explicações e que buscam controlar mediante as avaliações exigidas pelos sistemas educacionais (2013, p. 30).

Nessa lógica de compreensão, não basta apenas ter o conhecimento do objeto de ensino, pois é preciso ter domínio teórico-metodológico dos modos de produção daquilo que se deseja ensinar e, ainda, das formas de transformá-lo em uma narrativa compreensível para os alunos, pois dentro dessa perspectiva, o conhecimento histórico escolar não ficará retido na escola e poderá servir para um agir no mundo, dentro de uma perspectiva crítica capaz de subverter ordens opressoras, resistir e questionar discriminações.

Diante dessas necessidades e objetivos, o professor precisa ter um vasto repertório de atividades que possa realizar com alunos de origens sociais e experiências diferenciadas. Tendo em mente que, dentro desse processo, enfrentará resistências, preconceitos e verdades estabelecidas e absolutas, mas que apesar dos obstáculos enfrentados, a relação constituída entre os alunos e os professores se torna fundamental para o processo de mediação.

Os professores que atuam na educação básica não estão ali produzindo conhecimento novo a ser validado pelos seus pares com base na utilização correta e adequada de referenciais teórico-metodológicos. No contexto escolar, realizam um trabalho de articulação entre saberes oriundos da produção científica e saberes dos alunos, seus próprios saberes e aqueles que circulam na sociedade, de modo a tornar possível sua compreensão, ou seja, uma reelaboração de forma que os sentidos atribuídos pelos alunos - e que dependem dos sentidos atribuídos pelos professores ao saber ensinado - se aproximem dos significados validados. Esse processo denominado transposição didática (ibidem, p. 33).

É claro que este não é um processo fácil, pois não, se trata de simplesmente apresentar para o público um conhecimento acadêmico tal como ele é. É preciso ter uma produção desse conhecimento de forma diferenciada, para que o mesmo possa fazer sentido para os mais variados públicos. E, como os públicos variam, a elaboração desse conteúdo também muda constantemente. Ao longo dessa relação fronteiriça que ocorre entre aluno, professor e conhecimento acadêmico, alguns riscos prejudiciais ao conhecimento podem ocorrer, como, por exemplo, reducionismo, generalizações, anacronismos, todavia, eles devem ser enfrentados em um constante processo de superação por meio de estudos e pesquisa com auxílio do professor.

Defendo, então, que a didatização é processo de mediação cultural ou simbólica, pois sua realização implica a relação entre diferentes sujeitos e saberes e a possibilidade de atribuição de sentidos no fazer curricular, tanto pelos docentes como pelos alunos (ibidem, p. 33).

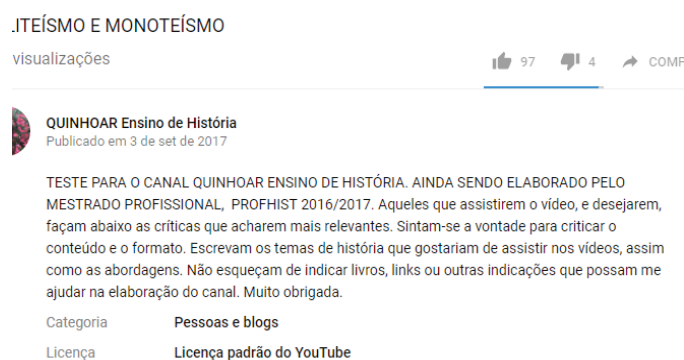
A partir dos conceitos acima, o canal Quinhoar pretende realizar a didatização ou a mediação cultural a partir das possibilidades e limites da história pública digital, utilizando os recursos digitais como uma importante ferramenta de comunicação e na relação entre professores, alunos e conhecimento acadêmico. Sinalizando que a cibercultura presente no dia-a-dia dessa nova geração de estudantes constitui um importante espaço-tempo de fronteira para a constituição do saber. Por isso, a própria produção do Quinhoar foi colocada nesse espaço e convocou diversos públicos para a sua gênese desde as ideias iniciais.

Dentro desse aspecto, é possível perceber a participação ativa de diversos estudantes na produção do canal, através das mais variadas formas, os quais chamaram atenção para diferentes critérios, interesses e detalhes que estavam despercebidos. Tal participação vem ocorrendo por meio de um vídeo teste que inaugurou o canal e por pedidos de participação, feitos pessoalmente para professores, inspetores, alunos do sexto, sétimo, oitavo, nono anos e ensino médio. Muitos alunos se interessaram e deram instigantes contribuições para o desenvolvimento do canal por meio dos comentários, situados

abaixo do vídeo-teste, comentários estes que serão expostos a seguir com algumas interpretações e relatos de suas consequências dentro das salas de aulas. É importante salientar que tais comentários estão sendo entendidos como documentos primários digitais.

O vídeo teste foi postado em setembro de 2017 e até o momento – início de abril de 2020 – possui 446 inscritos, 4.525 visualizações e 163 comentários. O vídeo teve em torno de cinco minutos de conteúdo divulgados e foi filmado pela câmera do celular, sem muitos recursos, com uma edição bem simples. Basicamente foi postado na forma que foi gravado. Abordou os conceitos de politeísmo, monoteísmo e a intolerância religiosa com religiões de matrizes africanas. Tal vídeo também foi exposto no processo de qualificação dessa pesquisa, e recebeu importantes contribuições que nortearam e nortearão os demais vídeos.

Figura 1



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

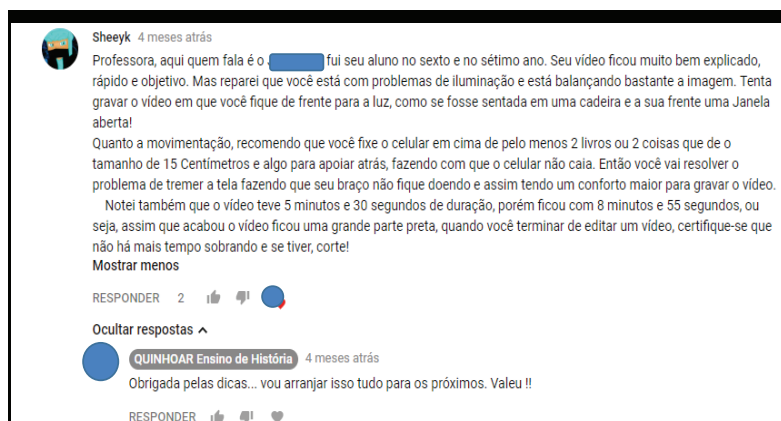
Desde o início, o canal se preocupou em permitir uma ampla participação em todos os aspectos possíveis para a construção do mesmo. Tal característica está intimamente relacionada com a autoria compartilhada na história pública e a concepção dialógica de educação presente em Paulo Freire.

Nesse aspecto, os diversos comentários promoveram um importante canal de relacionamento e de troca. Por meios dos mais variados comentários, foi possível perceber quais eram os temas de interesse, o formato de vídeo que mais agradava e, principalmente, reforçar o relacionamento professor-aluno. Veja abaixo alguns comentários.

APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E VISUAL

Entre os comentários, podemos destacar aqueles que se preocuparam com a parte mais técnica e visual, algo que é muito característico dessa nova geração de alunos. Precisamos trocar com eles os saberes que cada um possui.

Figura 2

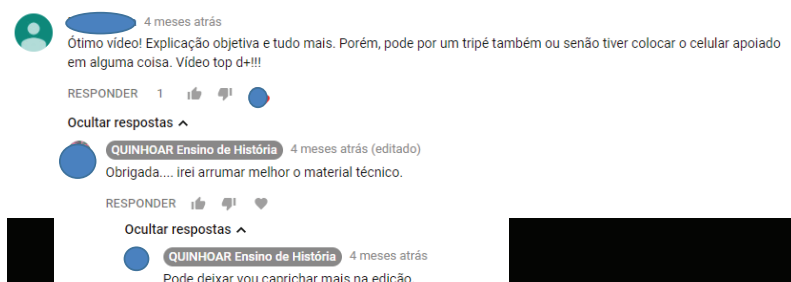


Ensino de História Fonte: YouTube/Canal Quinhoar

O aluno ofereceu sugestões importantes para a o público-alvo do canal. Os problemas apresentados devem ser corrigidos nos próximos vídeos, pois o visual e seus recursos são partes importantes das narrativas produzidas no formato digital, e são critérios exigidos pelos mesmos. Além dos critérios visuais, há demanda por vídeos rápidos e mais didáticos. O próprio aluno possui um canal sobre games no *YouTube*.

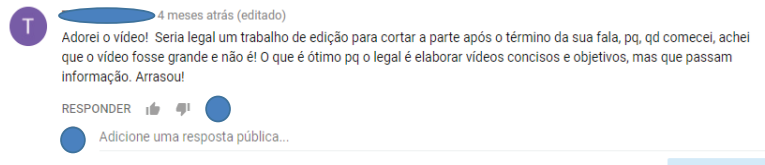
As exigências por um vídeo com mais recursos técnicos e uma edição melhor continuaram nos seguintes comentários.

Figura 3



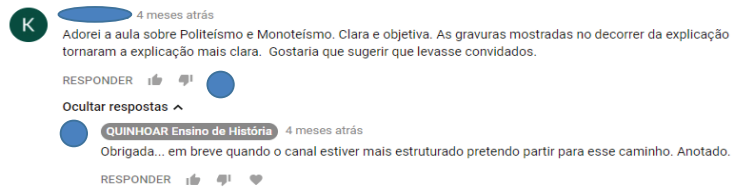
Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Figura 4



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Figura 5



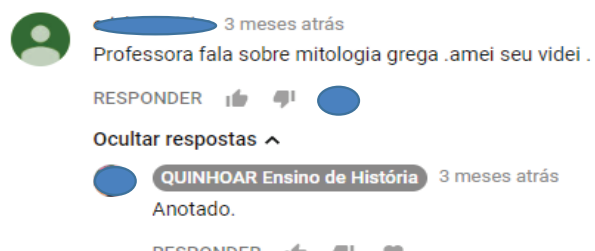
Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Os comentários acima têm em comum a preocupação com relação à forma e com o visual, demonstrando que não apenas o conteúdo em si é importante, mas também os recursos técnicos da edição, a presença de imagens, sons, texto e outras ferramentas digitais, como os gifs, que podem contribuir para a construção de uma narrativa histórica e para a sua melhor compreensão. Tal desejo já está presente nos alunos, mas também em diversas pessoas que assistiram ao vídeo. Em comum, elas observaram a necessidade de melhorar o formato, a estética do mesmo. Isso demonstra a importância que as ferramentas digitais e a história pública podem ter na construção do conhecimento, pois abrem um importante canal de diálogo e circularidade de informações, as quais já estão presentes em determinados grupos da sociedade.

SUGESTÕES DE TEMAS HISTÓRICOS

A circularidade das informações e conhecimentos históricos fica mais nítida com os comentários abaixo, os quais sinalizam para a existência de um desejo por saber mais sobre assuntos históricos que, de alguma forma, circulam na sociedade.

Figura 6

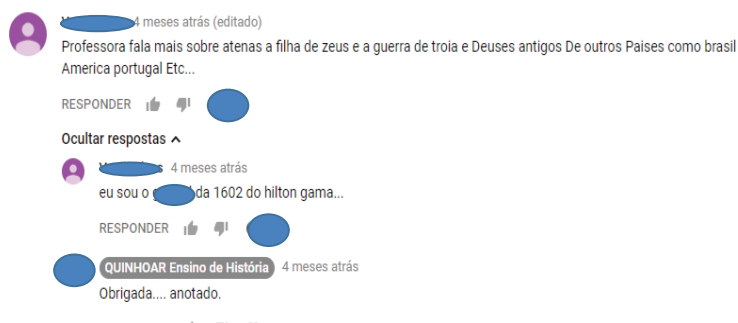


Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

MITOLOGIAS DE OUTROS POVOS

No comentário abaixo é possível perceber um interesse por mitologias de outros locais, como as lendas brasileiras e figuras mitológicas da América, que não são abordadas, pelos currículos tradicionais.

Figura 7



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Os comentários das figuras 6 e 7 destacam a necessidade de conhecer mais a história antiga. Dentro desse contexto, muitos dos alunos vieram até mim, informando que tinham encontrado o canal e feito comentários sobre o que acharam, de acordo com o que eu havia pedido em todas as minhas turmas. Devido a essa participação mais direta eu consegui identificar a participação ativa de muitos alunos do sexto ano, que estavam estudando matérias dentro da cronologia da história antiga e aproveitaram a possibilidade de comunicação para pedir mais informações, principalmente sobre mitologia grega. Aliás, esse assunto é muito comentado em sala de aula, em parte pela presença das figuras mitológicas em séries, filmes, jogos que os alunos do sexto ano têm acesso e também pela própria seleção de conteúdo para a série, que tradicionalmente inicia-se pela antiguidade.

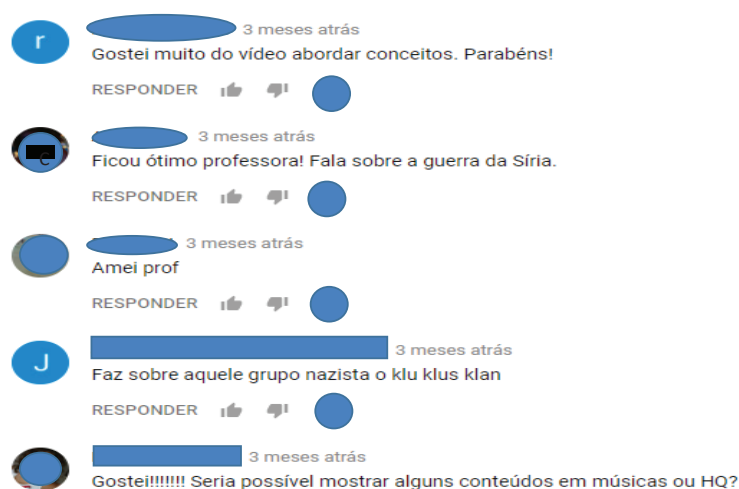
O interesse e a participação dos alunos do sexto ano foi uma bela surpresa, pois o público-alvo do canal eram os alunos do Ensino Médio, com uma temática e abordagens voltadas para eles. Todavia, não podemos afirmar com exatidão que todos os comentários eram do sexto ano, pois devido às próprias características da história pública digital, não é possível saber com certeza a identidade dos comentaristas. Muitos alunos utilizaram perfis de seus pais, de seus colegas e *fakes* para participarem do canal. Todavia, acredito que tal dificuldade não invalida os resultados da pesquisa, pois os mesmos estão calcados nos interesses circulantes por história na sociedade e suas consequências para a produção do conhecimento e não na identificação da autoria em si. Além disso, a participação dos alunos do sexto ano, em sala de aula, comentando entre si e com a professora, foi um indício que eles se interessaram bastante pelo canal.

Nessa perspectiva é interessante afirmar que o canal, mesmo sendo criado fora do espaço escolar, se fez presente com os comentários, exigências por mais vídeos, críticas de colegas, alunos e ex-alunos que tomaram conhecimento do canal e participaram de alguma forma.

APROFUNDAMENTOS DE TEMAS HISTÓRICOS

Nem todos os pedidos de temas foram sobre a Antiguidade. É possível perceber a circularidade de outras temáticas no dia-a-dia dos alunos com pedidos de temas pouco trabalhados nos currículos tradicionais. Entre eles, podemos destacar os seguintes:

Figura 8



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

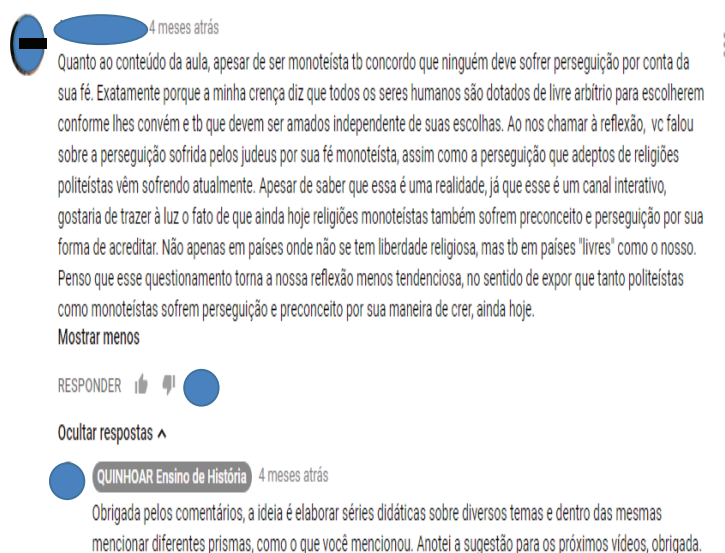
São comentários que permitem perceber uma série de temas bem abrangentes e variados. Muitas opções de narrativas e temas sugeridos pelos alunos e demais pessoas que se interessaram pelo canal, sinalizando que existe um grande interesse pela história, mas principalmente por narrativas e temas que fogem dos currículos tradicionais da sala de aula.

Por isso, o currículo do canal, mesmo tendo um tema inicial que norteará os primeiros vídeos, também será sensível à própria demanda do público que já no vídeo teste sinalizou para diversos assuntos que, por si só, dariam muitas aulas e abordagens variadas, apesar de ser uma pequena amostra dos interesses dos alunos.

POSICIONAMENTOS E NOVAS ABORDAGENS SOBRE O TEMA EXPOSTO NO VÍDEO

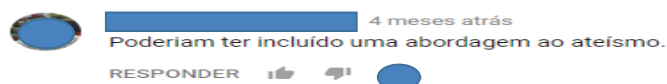
Além desses comentários e suas sugestões de aulas, cabe-nos destacar comentários referentes ao conteúdo, propriamente, do vídeo. Ou seja, pessoas que mostraram sua opinião sobre politeísmo, monoteísmo e as religiões africanas. Nessa lógica, se destacaram os seguintes comentários.

Figura 9



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

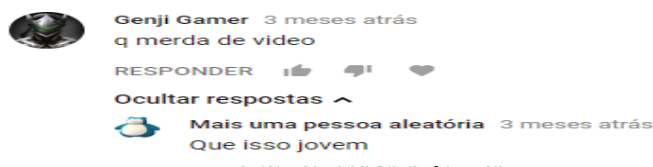
Figura 10



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

POSICIONAMENTOS MAIS AGRESSIVOS

Figura 11



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar

Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Destacou-se, ainda, um comentário específico que foi visto pelos alunos e mencionado em quase todas as minhas turmas. Devido à intensidade de suas palavras, o comentário gerou uma série de debates interessantes.

O comentário acima foi visto como inadequado, principalmente no sexto ano, mas foi mencionado em outras séries, e acabou promovendo alguns debates em sala sobre o *ciberbullying*, outras violências que ocorrem na Internet e a necessidade de ética para nortear os escritos na web. E também como uma importante oportunidade para ensinar que atitudes como estas não ajudam de forma construtiva, por isso, os alunos que viram não deveriam responder da mesma forma, pois comentários baseados em xingamentos e brigas entre eles não ajudariam no desenvolvimento do canal, até porque o mesmo estava inserido no campo educacional. Todavia, o comentário possibilitou discutir crimes raciais e atitudes extremamente preconceituosas que ocorrem no mundo virtual, assim como também algumas medidas de proteção dos mesmos.

Aliás, os comportamentos agressivos são uma realidade constante na Internet, o que mais uma vez mostra muita intolerância com relação ao outro e também a necessidade de professores ocuparem a web com o objetivo de contribuir para que valores humanísticos possam fazer parte desse ambiente virtual, promovendo debates respeitosos e baseados em argumentos apurados. Nesses aspectos, os historiadores Kylde Batista Vicente e Fábio d'Abadia de Sousa nos chamam a atenção para ocuparmos e ensinarmos na e pela web.

Não há nenhum segredo em ensinar a ser humano no mundo virtual. Basta ensinarmos como é ser humano no mundo real. (...) é possível que tivéssemos incorporado alguns valores de ética, cortesia e etiqueta que são essenciais para a convivência civilizada no mundo real. Uma prova de que esses valores civilizatórios ainda não chegaram à internet é maneira incrivelmente grosseira com que geralmente as pessoas se tratam quando têm opiniões diferentes sobre determinado assunto. Os xingamentos com palavras de baixíssimo calão com que um se refere ao outro provam que a discordância no mundo virtual ativa o mais selvagem dos nossos lados; o desejo de aniquilar o diferente. A tolerância e o respeito às diferenças precisam, com urgência, fazer parte da Internet. É aí, principalmente, que nós, professores, entramos (VICENTE, 217, p. 453).

COMENTÁRIOS INCENTIVADORES

E por último, mas não menos importante, existiram diversos comentários encorajadores que, por si só, sinalizam para a importante relação entre alunos e docentes, e como ela intensifica ou fragiliza o processo educacional. Entre estes vídeos, os destaques são:

Figura 12



Fonte: YouTube/Canal Quinhoar Ensino de História

Certamente os comentários demonstram mais a relação carinhosa que ainda existe entre professor e aluno do que uma análise crítica do vídeo. Entretanto, tal relação se constituiu em sala de aula e também colabora para a aproximação e o desenvolvimento do conhecimento.

Além dos comentários, o vídeo gerou muito debate em sala de aula. Possibilitando muitas participações e sugestões que foram dadas no final de reuniões pedagógicas, nos corredores, no caminho pela escola, porém por terem sido totalmente espontâneas e orais não puderam ser utilizadas e comprovadas ao longo desse trabalho, mas também farão parte dos vídeos que surgirão no canal, além desse trabalho escrito.

Os comentários acima abrem a possibilidade real de uma relação entre professor e aluno, ou demais públicos, mediados por intermédio da história pública digital. Tal possibilidade pode se transformar em um importante caminho de diálogo e de produção de conhecimento, principalmente entre esta nova geração de alunos conectados todo o momento através de celulares. Aliás, estes mesmos aparelhos já fazem parte do dia-a-dia dos professores e são responsáveis por alguns conflitos entre os mesmos. Talvez possamos utilizá-

-los em favor da educação, permitindo que os alunos os utilizem pedagogicamente, como, por exemplo, para acessar canais de YouTube com qualidade e potencial para desenvolver conhecimento e não somente informações e, dessa maneira, atenuar os conflitos. Contudo, para isso ocorrer da melhor forma possível, precisamos ocupar a Internet e os novos caminhos de comunicação.

Assim como não é possível mais agirmos como os únicos detentores do saber- até porque muitas das vezes os nossos alunos têm acesso ao mesmo material que pesquisamos para o preparo de nossas aulas- também não é mais admissível ignorarmos a quase simbiose de nossos estudantes com seus smartphones (ibidem, p. 455).

Apesar de toda a dificuldade que o mundo virtual possa apresentar, ele também é um campo aberto para novas experiências, nas quais os jovens já se fazem presentes de diferentes maneiras e tendo acesso às mais variadas informações. Entretanto, informação, por si só, não é conhecimento, e talvez esse seja o momento de os professores entrarem no mundo virtual como os atores essenciais para realizar a ponte entre o dilúvio de informações e a produção de conhecimento crítico sobre o mesmo e sobre o mundo real.

NOTAS FINAIS

Acreditamos que um canal de história no YouTube tem potencial para promover o ensino e o aprendizado de temas relevantes da ciência história, desde que consiga unir os critérios teóricos, metodológicos e científicos da academia com as exigências e desafios da história digital e da história pública.

Como qualquer área do conhecimento, a história pública sofre algumas críticas que devem ser levadas em consideração na hora de produzir um trabalho acadêmico. Um dos primeiros cuidados que se deve ter em mente é o perigo de desenvolver um trabalho apenas por princípios mercadológicos, ou seja, tomar cuidado para não perder o rigor científico e ficar subordinado aos princípios capitalistas de consumo e lucro, os quais podem ser exigidos por um determinado tipo de público que só esteja interessado na forma do produto e não em seu conteúdo.

Outra crítica que a história pública recebe está ligada à produção de outros sentidos históricos que não passam necessariamente pelo crivo da academia. Nesse ponto específico, defendo a produção de conhecimento gerado pela circularidade e pela autoria compartilhada.

Além deste aspecto, também se destaca a remuneração do professor dentro do trabalho da história pública digital, pois esta forma de trabalhar pode ser alvo diretamente da precarização das relações trabalhistas, uma vez que tal trabalho vem se mostrando de maneira autônoma e a remuneração, quando esta existe, está vinculada, na maior parte das vezes, ao número de visualizações, no caso específi-

co do YouTube, ou na utilização de propagandas muitas das vezes não vinculadas ao tema do trabalho. Não existe nenhuma garantia de direitos nessa área. Todavia, tais limitações práticas não tiram a importância deste espaço digital e público de aprendizado, mas sinalizam para a importância de ocupá-lo e iniciar uma luta pela conquista de direitos nessa nova fase do capitalismo e dentro dessa nova área de atuação. Ou, pelo menos, utilizar a história pública digital como resistência.

Quando estávamos finalizando o artigo nos deparamos com a prática do distanciamento social diante da pandemia causada pela Covid-19. Agora mesmo que encerramos a nossa escrita, um debate atravessa o campo educacional. Com as escolas fechadas, como prosseguir com os estudos? Educação a distância é a solução? O debate prosseguirá, mas aproveitamos para observar que criações como Quinhoar Ensino de História vão enriquecer a discussão sobre o ensino através de ambientes virtuais de aprendizagem em uma época que ainda não sabemos muito bem como se constituirá, mas que práticas pedagógicas que já estávamos experimentando servirão com certeza para moldar o que vem no campo da educação.

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. Por outras histórias possíveis: Construindo uma alternativa à tradição moderna. In.: MONTEIRO, Ana Maria; GABRIEL, Carmen Teresa.; ARAUJO, Cinthia Monteiro da; COSTA, Warley (orgs.). **Pesquisa em Ensino de História**: Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro, Mauad X, 2014.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos- Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 298-330.

BITTENCOURT, C. História nas propostas curriculares atuais. In.: BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 97-128.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública**: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Acesso: 19/12/2017.

CAUVIN Thomas. Por que deveríamos todos nos tornar Historiadores Públicos? Medium .<<https://medium.com/@fredzgur/por-que-dever%C3%ADamos-todos-nos-tornar-historiadores-p%C3%BAblicos-358d4787e7ed>> Acesso 19/12/17.

FREIRE, Paulo. **A importância do ator de ler:** em três artigos que se completam. 51ª ed. São Paulo: Cortez. 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** Novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRISCH, Michael: A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice versa. In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTIAGO, Ricardo (orgs.) **História no Brasil.** Sentidos itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **Revista História Oral**, Associação Brasileira de História Oral (ABHO), v. 17, n. 1 p. 39-69. 2014.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não-acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia.** Ouro Preto, nº 15, p. 27-50, ago. 2014.

MONTEIRO, Ana Maria Formação de professores entre demandas e projetos **Revista História Hoje.** v. 2, nº3, p. 19-42, jan/jun. 2013.

MONTEIRO, Ana Maria; GONÇALVES, Marcia De Almeida; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luis **Qual o valor da História Hoje?** Rio de Janeiro; Ed. FGV, 2012.

MOREIRA, Igor Lemos. Sobre História Pública e Ensino De História: Algumas Considerações. **EBR – Educação Básica Revista**, v.3, n.2, p. 81-96. 2017.

NETO, Sydenham Lourenço; RAMOS Vinícios da Silva. História do Tempo presente, diálogos com a História Pública e com o ensino de História: uma experiência exploratória. **Aedos**, v 6, nº 5, p. 17-31, jul/dez. 2014.

NOIRET, Serge. História pública digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.1, nº1, p. 28-51, maio. 2015.

PENNA, Fernando de Araújo, FERREIRA, Rodrigo de Almeida. O trabalho intelectual do professor de História e a construção da educação democrática: Práticas de história pública frente a BNCC e ao Escola Sem Partido. **Aedos**, v.6, nº15, p. 109-127, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Daniel Carvalho. O conhecimento histórico sob a perspectiva da didática da história pública. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, nº. 11, Ano 04, p.63-80, dez. 2017.

ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira HISTÓRIA PÚBLICA: a comunicação e a educação histórica. **Revista Observatório**, vol. 3, nº. 2. p. 47-65, jul/dez. 2017.

SANTHIAGO, Ricardo. A História Pública é a institucionalização de um espírito que muitos historiadores têm tido, por milhares de anos: Uma entrevista com David King Dunaway sobre História Oral, História Pública e o passado nas mídias. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº. 07, pp. 203-222, Ano 03. set. 2016.

SANTIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA; Juniele Rabêlo de, SANTIAGO; Ricardo (orgs.) **História no Brasil**; sentidos itinerários. São Paulo: Letra e Voz. p. 23-36. 2016.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação da cibercultura**. Santo Tirso: WHITBOOKS, 2014.

SILVA, Fabiana Bruce; Sobre as Perguntas que podemos fazer aos arquivos visuais: Por uma história Pública, comunicação e Ensino. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 219-240, abr./jun. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e Identidade Social: Territórios contestados. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995. p. 190-207.

SOARES, Fagno da Silva A história pública no brasil entre práticas e reflexões: a oficina historiográfica de Ricardo Santhiago, entre a história oral e a história pública. **Revista Observatório** vol. 3, nº. 5. p. 569-585, ago. 2017.

VICENTE, Kyldes Batista, SOUSA, Fábio d'Abadia de. Precisa-se de professores para a terra de ninguém. **Revista Observatório** vol. 3, nº. 5. p. 450-471, ago. 2017.